

Resenha de livro - A Metrópole Imaginária

FONSECA, André Azevedo da; **A Metrópole Imaginária**. Curitiba, Editora UFPR, 2020.

Erick Stacy Gagliardi ¹

Rafael Thiago Cesarin ²

André Azevedo da Fonseca possui longa trajetória acadêmica com produções no campo da Comunicação e da História Cultural, é doutor em História pela universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, UNESP com pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (UFRJ), é professor e pesquisador no Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e membro da comissão coordenadora do Mestrado em Comunicação. Em sua obra *A Metrópole Imaginária*, retrata a complexa história das elites de Uberaba (MG) nos anos 1940 em forte contraste a realidade vivida pelas demais classes sociais componentes da sociedade no período, estes membros da dita elite ignoravam o ambiente e cenário semi rural e a pobreza que os cercava enquanto encenavam uma vida requintada e deslocada da realidade regional.

O livro é resultado de seis anos de pesquisa nos arquivos dos jornais regionais *Lavoura e Comércio* e *O Triângulo*, além de documentos da época no Arquivo Público de Uberaba, Arquivo Público Mineiro e na Hemeroteca Histórica de Minas Gerais. A obra é construída a partir de uma rigorosa pesquisa historiográfica e uma narrativa que retrata uma cena do interior brasileiro, em sua perspectiva dramatizada por atores sociais, atuantes em palcos, palanques, banquetes e discursos manipuladores que influenciavam e transformavam a perspectiva e autopercepção da sociedade a partir do noticiário e a imprensa local, em uma ficção imaginária de uma exibição de sociedade europeia no interior do estado de minas gerais.

A obra é dividida em 4 grandes capítulos, o primeiro inicia posicionando todo o cenário histórico que deu origem a sociedade que será exposta na obra. Retrata a Vila dos Coronéis bem como suas dinâmicas e imposições sociais, no segundo capítulo intitulado *O Teatro Social da Consagração Pública* o autor aprofunda a investigação sobre toda a encenação de requinte, elegância e alta sociedade imaginado e replicado pela elite da sociedade naquele período, bem como seus circuitos de eventos, trocas de

1-Erick Stacy Gagliardi, Mestre em Comunicação UEL, Professor e Coordenador de Cursos UniCV

2-Rafael Thiago Cesarin, Mestre PROFNIT UEM, Professor e Coordenador de Pós-graduação UniCV

homenagens nas colunas sociais em formatos de elogios e os detalhes das elites urbanas, agrárias e políticas. Essa discussão tem sequência no terceiro capítulo chamado Etiqueta e Poder, onde se analisa a restrição de oportunidades e privilégios imposta pelos atores da elite aos menos abastados. Por fim, o quarto capítulo Cinderela ou Cidadã atua como um epílogo da obra retratando a excitação da sociedade de Uberaba com a chegada da Miss Brasil em 1949.

O livro revela uma espécie de dramaturgia comportamental social, que enviesava a opinião pública e manifesta-se a partir de pactos sociais implícitos de ostentação e megalomania referente a necessidade de explicitar a extraordinária prosperidade dos fazendeiros, donos de pomposas edificações e palacetes que contrastavam com as demais construções humildes da cidade.

Toda essa estrutura narrativa era protegida por “construtores da realidade” amparados por uma imprensa bajuladora com a clara missão de defender os valores fundamentais que mantinham firme aquele status quo, mas essa realidade como retratada é muito mais complexa que um mero recorte ou retrato da realidade, pois muitos fatores corroboraram para toda essa construção imaginária deste cenário sociocultural no subterrâneo do interior brasileiro. O livro posiciona ainda que todo esse empenho da construção do imaginário coletivo da alta sociedade uberabense não tinha como objetivo apenas o enaltecimento da classe já tida como elite ou superior, mas também a desvalorização da percepção da imagem do adversário, acima de tudo no intuito de invalidar sua legitimidade e até mesmo acesso ao poder.

Um ponto de interesse bastante retratado na obra é uma característica da imprensa provinciana da época, que utilizava de forma indiscriminada adjetivos pomposos, garbosos e cheios de referências egocêntricas. Este costume fomentava a troca de elogios, de forma contínua e circular por parte dos atores componentes do cenário. É retratado no livro com o termo elogios circulares, pois promoviam um ciclo desmedido de bajulação e reverência. Tudo isso acontecendo em um município empobrecido, com a maior parte da população em estado de subsistência constituída por uma massa de trabalhadores rurais, roceiros que costumam ver o patrão como um benfeitor.

O livro retrata a obsessão por um imaginário fantasiado, pouco aplicável e factível em um país de cultura, costume e economia tão diferente da europeia almejada

pela alta sociedade uberabense neste período. Essa obsessão torna-se então teatralização, explicitando neste ínterim práticas políticas discutíveis que buscavam firmar valores, atribuir e conceder ascensão social e símbolos de prestígio a casta tida como superior. Sem preocupar-se na estigmatização que imputou a grupos menos abastados e por eles considerados indesejáveis. O que criava uma dinâmica imaginária inconsistente com a realidade da cidade pobre e desigual que habitavam, o que reforça a visão do autor de utopia vivida pela classe na verdade decadente que se percebia como centro expoente de cultura e elegância.

A desmistificação dos personagens que nomeiam praças, ruas e avenidas em Uberaba é um ponto marcante, por meio da percepção da supervalorização que era imputada a estes atores sociais. A obra oferece dados e informações para capacitar a interpretação do discurso social forçado, polido e elegante que permitiu a imposição desmedida de tantas injustiças sociais.

O autor deixa claro que este cenário por mais que trate e represente um recorte temporal da sociedade de uma única cidade, pode não estar restrito apenas a Uberaba, pois aponta um modo de vida que permeava um Brasil profundo na lógica de relações históricas e ainda perdura em nossa sociedade marcada por diferenças sociais extremas.

Metrópole Imaginária é um livro necessário, pois explicita os truques imputados pelas classes dominantes até os dias de hoje para aumentar o próprio prestígio e manter seu status de poder e dominância. Evidenciando que o objetivo final da teatralização imaginária vivida pelas elites discutidas no livro não era resultado de mera vaidade individual ou mesmo coletiva, mas uma sistematização, com foco na criação deste imaginário que regulava as demais classes sociais e superestimava os membros da elite. Inviabilizando assim qualquer tipo de movimento social ou ascensão das figuras indesejáveis, demonstrando o forte poder simbólico dos mecanismos utilizados pela política nas narrativas sociais brasileiras.